

Santo Anselmo: fé e razão no século XI

Elizabeth Custódio da Silva¹ e Terezinha Oliveira²

¹Instituto de Línguas, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

²Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5.790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: ecsribeiro@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo trata de uma análise dos escritos de Santo Anselmo, pois consideramos que esse teólogo e filósofo do século XI teve um pensamento único e expressou, de forma brilhante, todo o movimento religioso, político, social e econômico desse período. Por meio da análise de algumas de suas formulações, foi possível notar a necessidade de harmonia entre a fé e a razão e a contínua afirmação do homem enquanto ser dotado de intelecto, bem como a urgência de mudanças essenciais na estrutura da sociedade. De acordo com diversos autores por nós estudados, o século XI foi o momento em que a organização de vida feudal atingiu uma forma madura e, ao mesmo tempo, trouxe a urgência de se entenderem as relações entre os homens de maneira diferente, levando em consideração um maior poderio dos senhores feudais e um princípio de crescimento do comércio e das cidades. A leitura desse clássico nos proporciona uma visão ampla e especial desse momento histórico e nos permite ver a Idade Média como um período cheio de vida, com características únicas e que constituiu, a nosso ver, o berço da Modernidade.

Palavras-chave: educação, Santo Anselmo, Idade Média, fé, razão.

ABSTRACT. Saint Anselm: faith and reason in the eleventh century. This article aims at analyzing Saint Anselm's documents. He was a philosopher and theologian from the Eleventh Century, who brilliantly succeeded in expressing all the religious, political, social and economical movement of that period. Evaluating some of his positions, the necessity of an agreement between faith and reason (pillars of Christian philosophy), radical changes in society's structure and a continuous acceptance of man as a rational being were observed. According to several authors, the Eleventh Century occurred when Feudal way of living achieved its maturity, bringing, consequently, urgency to understand the relations between men in a different way, taking into account the feudal landlords' growing power, as well as increasing in trade and towns. Saint Anselm's classical reading offers us a broad and special view of that historic moment and the recognition of the Middle Ages as a period full of life, with singular characteristics and which, undoubtedly, promoted the start of Modern Age.

Key words: education, Saint Anselm, Middle Age, faith, reason.

Introdução

Neste artigo propomos-nos a realizar uma análise fundamentada nos escritos de Santo Anselmo (*Monólogo, Proslógio, A verdade e O gramático*) e também de alguns outros autores posteriores a ele, com o intuito de explicitar o quanto o pensamento anselmiano é singular e expressa um período em que as relações entre os homens principiavam a deixar de ser intermediadas, exclusivamente, pela Igreja. A forma de ser e de pensar desses homens, naquele momento histórico, começava a modificar-se, desviando seus olhares, cada vez mais, para o aspecto material.

Entendemos que as formulações de Santo

Anselmo só foram possíveis porque, desde meados do século IX, a sociedade passava por transformações significativas nos campos político, econômico e social. Ele era um teólogo que possuía um espírito crítico, inquieto, questionador e não via "seu mundo" como algo imutável e "natural".

Santo Anselmo trouxe para a discussão questões referentes à fé e à razão e, na busca por legitimar a razão divina, proporcionou, no Ocidente, o início de um debate a respeito dessas duas fontes de conhecimento.

A seguir, procuraremos expor as transformações sociais que brotaram no seio deste debate e que fizeram despontar os primeiros elementos que dariam aos homens daquele período uma nova visão de mundo.

A sociedade do século XI

Para entendermos a importância do pensamento anselmiano, precisamos considerar algumas questões que norteavam a sociedade daquele momento histórico. Ressaltamos que, a partir do século IX, as relações que caracterizariam a forma de vida feudal já estavam sendo criadas e amadurecidas:

Por volta de fins do século IX e princípios do X, as estruturas feudais já se encontravam montadas. Ou melhor [...] estariam reunidos de forma indissolúvel e compacta num todo histórico chamado Feudalismo (Franco Jr, 1994, p. 29).

Desde então, existia uma determinada organização social que os séculos anteriores não conheceram. A degradação dos costumes, das leis, das instituições e de tudo quanto que norteava a sociedade dos primeiros séculos foi marcante e pode ser evidenciada nas obras de Boécio (1998), um grande pensador do século VI, que retratou em *A Consolação da Filosofia* o lamento pelo fim de todas as instituições e a luta por manter viva, na sociedade, a capacidade de abstração humana, como podemos constatar nesta passagem:

Com efeito, todo ser naturalmente capaz de usar a razão possui a faculdade do juízo, que lhe permite distinguir cada coisa. Portanto, é ele que julga o que deve ser evitado e o que deve ser procurado. E, assim, procura-se tudo aquilo que se julga ser desejável, enquanto se faz de tudo para evitar o que se julga deva ser evitado. E é dessa forma que os seres providos de razão são igualmente providos da faculdade de dizer sim ou não". (1998, p. 134).

Boécio presenciou e relatou uma época de profundos conflitos sociais que marcou a transição entre a queda do Império Romano e o período que se convencionou chamar de Alta Idade Média, no qual as relações entre os homens estavam se estabelecendo, exclusivamente, pela força.

Ao longo dos três ou quatro séculos que marcaram esse período, houve grandes acontecimentos e mudanças sociais, seja no que restara das instituições romanas, seja nos costumes dos povos nômades que adentraram o Império Romano; dentre elas, o surgimento do Império carolíngio e o princípio das relações feudais. Com efeito, o mundo feudal produziu regras, moral e costumes que foram fundamentais para que, ainda no século X, o mundo medieval do Ocidente assumisse novos contornos. Assim, a sociedade do século XI pôde viver um princípio de retomada do desenvolvimento das cidades e de atividades a ela

relacionadas.

No século XI começou a surgir, de fato, a Europa moderna, deram-se grandes e positivas transformações sociais, cresceu lentamente a população, ressurgiu o comércio, reanimaram-se as cidades e as escolas voltaram a florescer. Note-se que no século XI a mais famosa escola foi a da abadia de Bec onde espargiram luzes os italianos Lanfranco e Anselmo, grandes teólogos, peritos em dialética e que promoveram o renascimento dos estudos sagrados e profanos (Nunes, 1979, p. 139).

Ruy Nunes, nessa passagem, coloca elementos que atribuíram ao século XI características próprias. É nesse momento histórico que ele afirma estarem nascendo os germes que, posteriormente, culminaram no Renascimento.

Ainda sobre o século XI, Strefling destaca que:

Com o século XI, a sociedade começa a ser ela mesma. Os séculos que se seguem apresentam um mundo quase novo em comparação com o passado. Por primeira vez podemos ver uma sociedade definitivamente estável e em expansão, uma sociedade política, social e economicamente coerente, uma sociedade com suas próprias formas de leis, na própria cultura, seu próprio ethos. Em resumo, uma sociedade não governada por uma série de expedientes passageiros senão fortemente estabelecida. Contemplar a riqueza e o renascer da vida nestes séculos posteriores, cheios de aflição da época anterior, é como passar a ter saúde depois da enfermidade (1997, p. 16).

Esse "mundo quase novo" a que Strefling refere-se acima é o resultado das transformações proporcionadas pela própria dinâmica social do século XI. A retomada do comércio e do desenvolvimento das cidades foram, aos poucos, alterando as relações de trabalho e as pessoas passaram a respirar um "ar de liberdade" desconhecido até então.

Foi diante dos primeiros sinais dessas transformações que Anselmo passou a formular seu pensamento, pois as verdades colocadas pela Igreja não satisfaziam plenamente a todos. Os homens passaram a buscar mais o conhecimento, a questionar, a refletir, a tomar decisões, enfim, o individualismo cresceu e os homens começaram, timidamente, a tomarem, para si, o controle de suas próprias vidas. Essa vida que começou a nascer era mais terrena, comercial. Assim, os valores e a forma com que os homens pensavam suas relações principiavam a se alterar.

Percebemos, então, que essa foi a primeira vez, desde a queda do Império Romano, que o poder da Igreja era questionado. É importante ressaltar que foi essencial o papel da Igreja e que, portanto, merece

reconhecimento, visto que ela foi a única instituição com condições reais, até aquele momento, de intermediar as relações humanas: “Ao cair o império e derrubadas suas instituições civis, apenas permaneceu a Igreja como organização” (Zilles, 1996, p. 14). Ela era o modelo, era quem estabelecia as regras de conduta e toda a educação, como afirma Zilles: “[...] a Igreja tornou-se a única educadora daqueles tempos naturalmente, sem premeditação nem ambições, pois era a única instituição que, de fato, tinha condições e meios para educar e instruir” (Zilles, p. 106). Não podemos nos esquecer que foi também a Igreja a grande depositária dos saberes antigos, graças ao dedicado labor dos monges copistas.

A Igreja deteve o poder, a instrução e as explicações de toda a forma de ser dessa sociedade, não pela força ou por imposição, mas porque nela estavam contidos princípios de organização e de conduta de vida que a sociedade dos primeiros séculos não possuía mais. Acreditamos que a Igreja desempenhou um papel que, para aquele momento histórico, era de importância vital. A esse respeito, encontramos Guizot, um autor do século XIX, defendendo o papel da Igreja medieval por entender que ela, de fato, contribuiu para a reorganização da sociedade após a queda do Império Romano. Como escreve Oliveira,

Para Guizot, a Igreja foi a instituição que mais contribuiu para o desenvolvimento da sociedade moderna no sentido de promover uma unidade entre os homens, de criar interesses gerais, de produzir minimamente um desenvolvimento do espírito (1992, p. 3).

A Igreja havia sido, até então, a norteadora dessa sociedade, porque somente ela possuía condições para isso. Antes, toda e qualquer alteração no cotidiano era um desígnio divino e a educação era religiosa e inquestionável, como escreve Cambi (1999, p. 150): “[...] a pedagogia da Alta Idade Média caracteriza-se como estática e uniforme ao redor do princípio da fé e da Igreja”, mas, no século XI, precisa ser mais abrangente e preparar o homem para a vida na cidade e para as atividades comerciais.

A questão entre fé e razão

Uma vez estabelecidas as condições em que a sociedade do século XI vivia, ficam explicitadas as questões que angustiavam Santo Anselmo. Nesse momento, fazia-se necessário legitimar a Igreja chamando a atenção para o fato de que essa precisava também se modificar, para se moldar à nova sociedade que começava a surgir.

Santo Anselmo (1033-1109) foi um eminente teólogo e deparou-se com uma situação complexa. Por um lado, a Igreja perdia forças, em um momento em que as relações humanas ganhavam características mais complexas. Por outro lado, aumentavam os questionamentos, os poderes locais principiavam a se fortalecer, competindo, em grande medida, com os poderes eclesiásticos.

Nesse momento histórico, as formulações teóricas começavam a ser explicitadas a partir de uma junção entre o pensamento filosófico e o teológico. Como diz Strefling (1997, p. 25): “Apesar de Anselmo ver na razão um meio e não um fim, no entanto, chega a culpar de negligência aquele que, uma vez confirmado na fé, não procura compreender aquilo que crê”. É como se Anselmo dissesse que o homem, pela razão, pode conhecer a estrada, mas irá percorrê-la decidido a enfrentar os obstáculos e chegar até o fim, pela fé.

Com teologia e filosofia tão estreitamente ligadas, Anselmo se dispôs a aceitar o desafio e a elaborar argumentos¹ que provassem a existência de Deus, utilizando-se exclusivamente da razão, pois, para ele, era incompreensível que os homens, possuindo racionalidade, simplesmente cressem nas coisas sem nenhuma compreensão do porquê delas.

Santo Agostinho (354-430) foi um pensador que precedeu e influenciou as formulações de Santo Anselmo. Ele já afirmava, séculos antes, que a fé não eliminava a inteligência, não desprezava a razão e nem destruía o pensamento. De fato, Anselmo buscou compreender as Sagradas Escrituras, mas também teve acesso aos saberes antigos, harmonizando fé (teologia) e razão (filosofia), o que era considerado profano e sagrado, deixando-nos o exemplo de que todo conhecimento tem sua importância e deve ser buscado.

Por meio das leituras que realizamos de algumas obras de Santo Anselmo, podemos perceber que os questionamentos que as pessoas faziam não o incomodavam. Ao contrário, ele as instigava para que buscassem, com afinco, cada vez mais o conhecimento. Vimos exemplo disso em suas Cartas:

En lo que a ti se refiere, te recomiendo y ordeno que evites la ociosidad para aplicarte al perfeccionamiento de tus estudios, con cuyo fin te he dejado un tiempo en Inglaterra. Procura penetrarte bien de las reglas de la gramática; acostúmbrate por un ejercicio cotidiano a componer,

¹Anselmo descreve no Proslógio um único argumento que, ao nosso ver, é a síntese de seu pensamento em defesa da existência de Deus: “Cremos, pois, com firmeza, que Tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior”. (Anselmo de Bec, 1973, p. 102)

especialmente en prosa; no busques demasiado las dificultades, pero exprésate de una manera clara y razonable. Habla siempre en latín, a menos que la necesidad te obligue a otra cosa. Por encima de todo vigila tu conducta y la gravedad de los modales. Huye de la locuacidad, porque callando y escuchando, para aprender con la atención puesta en las palabras y en los ejemplos de otro, se hacen más progresos que queriendo mostrar su ciencia por discursos retóricos e inútiles (p. 755).

Essa busca pelo conhecimento é característica do gênero humano em todas as épocas, como relata essa passagem de Nunes:

[...] os homens não esgotam de uma vez a inteligibilidade das coisas, mas que a filosofia é o resultado das especulações de muitos homens através de sucessivas gerações de modo que, embora os homens realizem conquistas intelectuais e entesourem conhecimentos perenemente válidos, sempre resta muito a saber e as velhas questões podem ser de novo investigadas e esclarecidas à nova luz noutra contexto cultural e em diferente perspectiva histórica (1979, p. 260).

Anselmo é representante e, para vários estudiosos da filosofia medieval, criador do método escolástico. Embora esse tenha inúmeras características e seja um método cujas origens, segundo alguns autores, remontam a Boécio, em termos gerais, é caracterizado pelo ensino teológico-filosófico ministrado nas escolas de conventos e catedrais e também, posteriormente, nas universidades européias da Idade Média e do Renascimento.

No método escolástico, os homens debatiam questões em torno das relações entre si, fundamentando-as com a razão, como se pode perceber neste excerto da obra *A Verdade*:

M. – Procuras, como vejo, uma definição de justiça à qual se deve louvor, assim como ao contrário dela, isto é, à injustiça, se deve a repreensão.

D. – É essa mesmo que busco.

M. – Está claro que aquela justiça não está em nenhuma natureza que não conheça a retidão. Com efeito, qualquer coisa que não tem retidão, ainda que a tenha, não merece ser louvada porque tem retidão, pois não consegue querê-la aquela que não a conhece.

D. – É verdade.

M. – Logo, a retidão que acarreta louvor para o que a tem não existe senão na natureza racional, a única que percebe a retidão de que falamos.

D. – Assim se conclui. (Anselmo de Bec, 1973, p. 162).

Nessa passagem, Anselmo coloca um diálogo entre mestre e discípulo, de modo que vai sendo construída a definição da palavra “justiça”. De fato, o homem interrogava sobre o porquê das coisas e seu fim, alcançando um nível maior de abstração. A partir daí, abriu-se o caminho que levaria os homens à descoberta de novos horizontes do conhecimento.

Ao falar de fé e da razão, Anselmo expôs todos os problemas que o inquietavam. Além da necessidade de harmonizar essas duas fontes de conhecimento, também era preciso buscar compreender a essência das palavras. Essa análise minuciosa está presente nas obras de Anselmo (*Monólogo*, *Proslógio*, *A verdade e O gramático*) porque, naquele momento, havia indagações a respeito de tudo e uma busca por entender o significado de cada palavra. Isso fica evidente nesta passagem: “[...] Mas porquanto as palavras não significam senão coisas, ao dizer o que é que as palavras significam, foi necessário dizer o que são as coisas” (Anselmo de Bec, 1973, p. 191).

Analisando as palavras em suas minúcias, mais especialmente nas obras *A verdade e O gramático*, observa-se que Anselmo dá à razão um caráter notável, pois essa é convidada, pelo indivíduo, a exprimir sua opinião sobre os conteúdos da fé. Assim, ele confirma, mais uma vez, a harmonia fundamental entre o conhecimento filosófico e o conhecimento da fé, pois ambos se complementam.

A partir do século XI, acentuou-se um sentimento de liberdade, instigando as pessoas à discussão, inclusive em relação às verdades da fé. Assim, de forma lenta e gradual, um novo ensino se incorporou ao estritamente religioso – primeiro o das artes liberais² e, depois, a filosofia grega, o que demonstra a influência do pensamento anselmiano.

A nosso ver, as formulações de Santo Anselmo deixam transparecer devoção pelo saber e, embora ele estivesse defendendo a Igreja e seus valores, também teve a sensibilidade de fazer de seu pensamento um misto de “velho e novo”, não importando se o conhecimento era teológico ou filosófico. Essa junção de diferentes saberes deu-lhe características inéditas para aquele momento histórico. Ele tanto cumpriu sua incumbência de legitimar a Igreja como também a exortou para que se adequasse ao novo modelo de sociedade que estava nascendo.

Ao falar da razão divina, Anselmo defendeu, também com veemência, a capacidade reflexiva do homem. Vejamos estas duas passagens de sua obra intitulada *Proslógio*:

² As disciplinas básicas do comércio eram a escrita, a geografia, as línguas, o cálculo e a história. A educação passou a exigir além do *trivium* e do *quadrivium*.

Obrigado, meu Deus. Agradeço-te, meu Deus, por ter-me permitido ver, iluminado por ti, com a luz da razão, aquilo em que, antes, acreditava pelo dom da fé que me deste. Assim, agora, encontro-me na condição em que, ainda que não quisesse crer na tua existência, seria obrigado a admitir racionalmente que tu existes (p. 104, grifos nossos).

Quem és, ó Senhor, quem és? Como o meu coração poderá compreender-te? Não resta dúvida que és a vida, a sabedoria, a verdade, a bondade, a felicidade, a eternidade e tudo aquilo que constitui o verdadeiro bem. Mas esses atributos são numerosos e a minha angusta inteligência não pode captá-los todos em um único ato de pensamento para receber deleite deles, de uma só vez (p. 115).

É possível perceber, nesses excertos, Anselmo discutindo a respeito da existência de um Deus perfeito e superior a tudo, ao mesmo tempo em que afirmava o homem ser dotado de racionalidade. A fé é o ponto de partida que move seu pensamento, mas Anselmo, de forma inédita para seu tempo, reconhece a razão como fonte de conhecimento.

Podemos dizer que a confiança de Anselmo na capacidade racional do homem foi a afirmação mais importante até o momento. E, assim, “[...] com espírito crítico confrontaram-se as doutrinas e novas idéias surgiram, produzindo um renascer da cultura” (Zilles, 1996, p. 99).

Importantes pensadores, independentemente de terem sido influenciados ou não pelo pensamento anselmiano, reconhecem sua importância no contexto da Idade Média. Podemos perceber suas idéias presentes nos debates futuros que ocorreram dentro das universidades medievais e na exposição de inúmeros grandes pensadores (inclusive até nossos dias). Como exemplo dessa influência, podemos citar Hugo de São Vítor, um autor do século XII que também buscou apropriar-se de todos os saberes disponíveis em sua época. Segundo ele:

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. Daqui se origina o dito platônico: <<Prefiro aprender modestamente as coisas dos outros a ostentar descaradamente as minhas>> (Saint Vitor, 2001, p. 157).

O que Hugo de São Vítor procurou evidenciar nessa passagem é que “[...] de todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência” (Zilles, p. 47). Essa busca pelo saber é um exercício para a vida, existe sempre algo novo para aprendermos.

A obra desse autor, intitulada *Didascálicon da arte de ler*, fala, no século XII, da dificuldade dos estudantes em saber como realmente atingirem um bom ensino, toca diretamente a nós, aprendizes do século XXI, muitas vezes perdidos em meio a tantos livros e recursos, porém sem conseguir concentrar-se no que, realmente, é útil e importante.

De fato, somos seres dotados de razão, mas faltam-nos métodos:

[...] Mas nossos alunos ou não querem ou não sabem manter um método adequado de aprendizagem, e por isso, encontramos muitos estudantes, mas poucos sábios. Parece-me que o estudante não deve tomar menos cuidado em não gastar tempo em estudos inúteis quanto em ficar desinteressado diante de um objetivo bom e útil [...] (Saint Vitor, 2001, p. 139).

Além do *Didascálicon da arte de ler*, para o melhor entendimento dos escritos de Anselmo e do século XI como um todo, mostraram-se de inestimável valor outras obras que gostaríamos de destacar.

A Consolação da Filosofia, escrita por Boécio no século VI, ao relatar as angústias dos homens no final do Império Romano, faz-nos entender que a Igreja e o sistema feudal foram primordiais para restabelecer a organização social decorrente da degradação social dos primeiros séculos. Boécio foi um escritor ímpar, pois, em condições de cárcere e de tortura, conseguiu chamar-nos a atenção para o quanto o pensamento reflexivo é essencial e condição primeira para que o homem seja diferente dos animais. Ele enfocou a racionalidade como um privilégio do gênero humano, ressaltando que o homem, por vezes, volta-se de tal forma às coisas materiais que se esquece disso.

A História da Educação na Idade Média de Ruy Nunes, foi outra obra que nos trouxe uma visão mais geral de como foi todo esse período, dando mais ênfase à educação, que se modifica na busca por adequar-se ao contexto social de cada momento histórico.

Outras duas obras contemporâneas também foram de grande importância. Uma delas é intitulada *Fé e Razão no pensamento medieval*, de Urbano Zilles, que traz o debate existente entre essas duas fontes de conhecimento durante a Idade Média. A outra, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, aborda a visão de Ricardo Strefling em relação às obras *o Monólogo* e *o Proslógio* e de toda a dinâmica e problemas que envolvem o período em que Anselmo viveu e formulou o seu pensamento.

Grandes autores como Guizot (1857), Etienne Gilson (1998), Lauand (1998), Spinelli (1950), Cambi (1999), De Boni (1995), cada um no seu

tempo, também trouxeram valiosas contribuições. A nosso ver, a educação deve ser exatamente este processo: conduzir o homem à reflexão.

Considerações finais

Ao ler e estudar os escritos de Santo Anselmo, temos a oportunidade de compreender o que, efetivamente, significam determinados momentos históricos na vida dos homens. Não colocamos a nossa investigação sobre o passado como uma busca de respostas para nossos problemas atuais ou para emitirmos quaisquer julgamentos, mas como tentativa de avaliarmos as transformações sociais que, posteriormente, culminaram na sociedade em que vivemos no presente.

Esse é um modelo de leitura e de análise que, mesmo no Ensino Superior, tem sido relegado a um lugar secundário, pois, sendo um exercício reflexivo, requer de nós (educandos e educadores) o tempo, a dedicação e a disciplina, que são primordiais para a formação crítica do sujeito.

Muito temos que aprender com a Idade Média, pois somos herdeiros dela, ainda que, muitas vezes, a modernidade tenha negado esse fato. É certo que encontramos em Anselmo a ousadia de mudar que muitas vezes nos falta. Ele expressa o apogeu e o início da queda de um sistema que marcou a vida dos homens, de uma forma de organização de vida singular, mas que fora a possível para os homens da época.

Cada homem vive o seu tempo e com Anselmo não foi diferente, excetuando-se que ele foi marcante ao posicionar, dentro do cenário cristão, o homem enquanto ser dotado de razão e, mais que isso, fazer uso dela para legitimar a Igreja e para entender as relações humanas que estavam mudando de direção. Agora, mais relacionados ao aspecto material, restava a esses homens reformularem seus conceitos e “pré-conceitos” que, até então, eram todos dados sob perspectiva divina.

Percebemos a importância do pensamento anselmiano para aquele período, como também encontramos suas raízes em toda a posteridade. A sociedade muda e as formas de pensar e de produzir a vida também. Vivemos em uma sociedade bem distinta da que Anselmo viveu, mas, a nosso ver,

muitas coisas poderiam ser tomadas como exemplo, pois a educação se faz na discussão, no questionamento, na busca pelo conhecimento e, principalmente, na aplicação de tudo isso na própria vida e esses ensinamentos foram máximas seguidas por Anselmo.

Referências

- AGOSTINHO, S. Confissões. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ANSELMO DE BEC, S. Monólogo / Proslógio / O Gramático / A Verdade. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ANSELMO DE BEC, S. *Obras Completas*. Bibliotecas de Autores Cristianos: Madrid, 1952.
- BOÉCIO. *Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- DE BONI. *Textos de Filosofia*. Porto Alegre: Edipuc, 1995.
- FRANCO Jr., H. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SAINT-VITOR, H. de. *Didascalicon; da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAUAND, L.J. *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NUNES, R.A.C. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1979.
- OLIVEIRA, T. (Org. e Trad.). O estado da sociedade religiosa no século V (François Guizot). In: *Apontamentos*. Maringá: Eduem, n° 77, 1992.
- SPINELLI, M. *Filosofia e Ciência*. Edicon: São Paulo, 1990.
- STEEMBHERG, F. V. *História da Filosofia: Período Cristão*. Lisboa: Gradiva, [s.d.].
- STREFLING, S.R. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- ZILLES, U. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

Received on November 29, 2004.

Accepted on May 12, 2005.